

## **Sete Motivos para a Exaltação do Corpo: proposta de um catecismo poético em *O Armistício*, de Natália Correia**

### **Seven Reasons for Exultating he Body: proposal of a poetic catechism in *The Armistice*, by Natália Correia**

**Rui Tavares de Faria**

**RESUMO:** Natália Correia publica, em 1985, *O Armistício*, uma espécie de catecismo em verso que projeta a desconstrução do deus uno em nome do politeísmo pagão. Do conjunto de poemas que compõem a doutrina nataliana, o presente artigo recai sobre os “Sete Motivos do Corpo”, texto estruturado em sete partes com o objetivo de instruir o leitor convertido à nova religião acerca do modo como o corpo é, afinal, o meio através do qual as divindades se manifestam e interagem com os homens. Seguindo uma estrutura semelhante àquela que apresentam os compêndios doutrinários, procurar-se-á, a partir de uma leitura hermenêutica do poema, elencar sete motivos do corpo, do mesmo modo que figuram, no preceituário cristão católico, “Sete Dons do Espírito Santo” ou “Sete Pecados Capitais”, ou na tradição hindu, os Sete Chacras principais por meio dos quais o corpo recebe a energia que afeta a mente, as emoções e o espírito de cada indivíduo. A proposta poética de Natália Correia inscreve-se numa interpretação muito própria do mundo e da divindade.

**Palavras-chave:** Corpo. Poesia. Natália Correia. Exaltação. Prazer.

**ABSTRACT:** In 1985, Natália Correia publishes *The Armistice*, a kind of catechism in verse that projects the deconstruction of the one God in the name of pagan polytheism. Of the set of poems that make up the Natália's doctrine, this article focuses on the "Seven Motives of the Body", a text structured in seven parts with the objective of instructing the reader converted to the new religion about the way in which the body is, after all, the means through which the divinities manifest themselves and interact with men. Following a structure similar to that presented in the doctrinal textbooks, we will try, from a hermeneutical reading of the poem, to list seven motifs of the body, in the same way that, in the Catholic Christian Catechism, we have the "Seven Gifts of the Holy Spirit" or the "Seven Deadly Sins", or in the Hindu tradition, the Seven main Chakras through which the body receives the energy that affects the mind, the emotions and spirit of each individual. Natália Correia's poetic proposal is part of her own interpretation of the world and of God himself.

**Keywords:** Body. Poetry. Natália Correia. Exaltation. Pleasure.

### **Introdução**

Publicada em 1985, a obra *O Armistício* não só confirma a maturidade poética de Natália Correia, como também recupera e atesta a posição da autora relativamente a um tópico que a sua produção literária sempre tratou com alguma controvérsia e de modo polémico: a religião e a relação da Humanidade com o divino. Na verdade, “no século XX, a filosofia abre as portas à reflexão sobre a existência do homem e, conseqüentemente, questiona-se a existência de Deus e a sua relação com o homem” (Coimbra de Matos, 2019, p. 41). Determinada a esclarecer questões irresolutas, problematizando dogmas e refletindo sobre a forma como o Homem encara a divindade, Natália Correia debate-se, desde logo, acerca da existência de deus, quando abre o exórdio de *O Armistício*, com

uma afirmação que, mais do que demarcar o seu ponto de vista pessoal, desencadeia uma dúvida primordial: “Não jurarei que qualquer deus exista.” (Correia, 1993, p. 221). A partir desta consideração torna-se evidente que a poetisa põe em causa a existência de um deus uno, mas não descarta a presença do divino na vida humana através das mais variadas formas. Aliás, “Natália Correia inscreve-se numa tradição heterodoxa que vem do Cancioneiro, que passa por Pascoais e Pessoa de quem herdou a ideia do *paganismo superior* ou do *transcendentalismo panteísta multiforme*.” (Mourão, 1988, p. 342)

Neste sentido, o exórdio de *O Armistício* constitui uma reflexão acerca das crenças dos homens e acerca do modo como a humanidade vê e se relaciona com a divindade. Por isso, Natália celebra “A Festa da Descrucificação” e invoca os deuses pagãos para que tornem “alma e corpo [...] contemporâneos” dos “poros abertos do Deus vivo”. Exorta os crentes a que não prendam a altares “aqueles que são deuses”, porque “os deuses não nos querem de joelhos”, propondo e defendendo uma aproximação harmoniosa entre o divino e o humano. Assim, “*O Armistício* é a sanção, o reconhecimento positivo do Eros, o deus que dança, denunciada a ética do sacrifício, o fanatismo do monoteísmo e a apologia do sofrimento.” (Mourão, 1988, p. 343)

Justifica-se, nesta linha de ideias, a exaltação do corpo e os motivos por que ele assume particular importância na relação de harmonia que se preconiza entre homens e deuses. Tal como o *Catecismo da Igreja Católica* integra, entre outros, “Sete Dons do Espírito Santo” ou “Sete Pecados Capitais” no vasto conjunto das normas de doutrina, e tal como a tradição hindu identifica no corpo Sete Chacras principais, os pontos energéticos responsáveis pela natureza mental, emocional e espiritual de cada indivíduo, também Natália Correia reconhece que devam ser elencados e exaltados “Sete Motivos do Corpo”. Uma vez que as diferentes partes do poema não apresentam título – o que, a existir, seriam provavelmente sete termos identificativos dos motivos do corpo –, propomo-nos determinar um vocábulo para cada um deles, de modo que, à semelhança das listagens que constam dos compêndios da doutrina cristã católica e dos preceituários de outras tendências religiosas, possam ser enunciados como premissas catequéticas. Assim, os Motivos do Corpo são, segundo *O Armistício* de Natália Correia, sete: primeiro, finitude; segundo, estima ou cuidado; terceiro, volúpia; quarto, êxtase; quinto, provocação; sexto, maturidade; e sétimo, velhice ou envelhecimento. Mas antes de se proceder a uma análise e caracterização de cada um desses motivos, impõe-se uma breve consideração acerca do corpo na produção de Natália Correia.

## O corpo na obra de Natália Correia: considerações preambulares

O corpo é um tópico dominante na obra de Natália Correia. Se em Portugal até 1974 este tema causava pruridos, muito por causa do conservadorismo imposto pelo Estado Novo – o que não impediu a autora de o cantar e tratar mais do que uma vez –, em 1985, ano da publicação de *O Armistício*, era chegado o momento de esclarecer, numa época supostamente livre e liberta das amarras da censura, a essência do corpo e exaltá-lo como sendo um dos meios através do qual o Homem se reconhece como figura próxima do divino, pois o corpo é “sombra de Deus”. No fundo, talvez tenha sido esse o propósito de Natália ao intitular a sua obra de “o armistício”: levar o Homem a firmar a paz consigo próprio, por meio do seu corpo, e com uma certa entidade divina, de cuja imagem ele é, afinal, o reflexo.

Entendido segundo as palavras da poetisa como “lugar de amor onde se ganha a vida”, o corpo assume, então, particular importância na produção literária de Natália Correia, desde cedo. Embora o peso da moralidade cristã católica e de uma mentalidade conservadora forcem o equilíbrio da balança social, a autora não se coíbe de aludir ao prazer que o corpo garante sob variadas formas. Em 1955, Natália Correia publica a sua primeira antologia poética, *Poemas*, obra diversificada em termos temáticos e estruturais. É nesta coletânea que a autora inclui, em jeito de homenagem àquela que é considerada a primeira poetisa da literatura ocidental, “Cantos de Safo para Átis”, composição que tem por base o homoerotismo feminino, o qual se concretiza não através de sentimentos e/ou emoções, mas por meio do corpo, fonte e objeto de prazer para as amantes, que se envolvem fisicamente no momento do reencontro.<sup>1</sup>

Dez anos depois, Natália Correia assina a autoria da “ousadíssima *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, dada à estampa em 1965, reunindo um conjunto de textos então considerados imorais” (Silva, 2022, p. 3), nos quais a representação do corpo surge associada sem reservas ao erotismo e à sexualidade. Esta coletânea, que integra composições literárias desde os primórdios da literatura portuguesa, mostra como, desde sempre, o corpo fez parte do imaginário poético e que, por isso mesmo, deve continuar a ser cantado e exaltado. Também a antologia *O Vinho e a Lira*, de 1966, fere a suscetibilidade do leitor da época, porque inclui poemas de pendor erótico, promovendo as potencialidades do corpo. Tanto a *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica*

---

<sup>1</sup> Para um estudo mais aprofundado do poema “Cantos de Safo para Átis”, vide Faria, 2022.

e *Satírica* como *O Vinho e a Lira* são proibidos de circular no país e valem, entre outros aspetos, a incriminação de Natália Correia num processo que a sentencia e condena a três anos de prisão, com pena suspensa.

Se na poesia a exaltação do corpo compromete a moral e os bons costumes e vai contra os preceitos cristãos católicos socialmente instituídos no Portugal do Estado Novo, na ficção em prosa pode ser que o impacto não seja idêntico. Terá sido este o pensamento de Natália Correia quando, em 1968, publica *A Madona*, romance que dá protagonismo ao universo feminino e no qual o corpo, elemento assumidamente transgressivo, permite às personagens da narrativa alcançarem o êxtase entregando-se, de forma livre e lasciva, à embriaguez dos sentidos. Trata-se de uma obra igualmente censurada, porque, além de glorificar a heroicidade das mulheres sujeitas às mais diversas circunstâncias (sociais, familiares, conjugais, profissionais, etc.), promove o corpo como meio de afirmação feminina na busca e na cedência de prazer. Neste sentido, quebrar-se-iam tabus, uma vez que a materialidade do corpo assume uma importância considerável dada a componente erótica que naturalmente enforma.

Em *O Armistício*, saído a lume cerca de uma década depois da Revolução de Abril, que sentido tem – ou terá – recuperar a temática do corpo nos “Sete Motivos do Corpo”? Num país democrático, como já era o Portugal de 1985, quais os propósitos de Natália Correia ao voltar a uma poética que exalta e diviniza o corpo? Maria Araújo da Silva apresenta um comentário que nos parece uma resposta adequada às duas questões colocadas:

Natália Correia coloca o corpo feminino no centro de uma escrita em que se assume o prazer no feminino, particularmente evidenciado numa obra poética permeada por um universo libidinal em que corpos se envolvem com excesso e fulgor num avolumar de sensações que celebram o Ser uno e completo. (Silva, 2022, p. 2)

Ora esta consideração efetiva-se e desenvolve-se nos “Sete Motivos do Corpo”. Vejamos como.

### **Sete motivos para a exaltação do corpo: proposta de um catecismo poético**

A exaltação do corpo que Natália Correia enceta em “Sete Motivos do Corpo” alicerça-se em torno de elementos que, por um lado, destacam a essência do belo e, pelo outro, engrandecem o efeito que a dimensão física exerce na promoção do prazer. Através desses elementos – a nudez, a intensidade do contacto entre os corpos, a busca pela satisfação por via do corpo, etc. – considerados nocivos ao bem da alma, numa ótica

cristã católica, uma vez que despertam no Homem os instintos e os impulsivos da sensualidade, Natália Correia canta o corpo porque nele reconhece um caminho de ligação entre o humano e o divino; o corpo é, afinal e conforme já citado, “lugar de amor onde se ganha a vida”.

Na verdade, a noção de plenitude que a poetisa pretende atribuir ao “lugar de amor onde se ganha a vida” é sugerida, desde logo, pelo numeral “sete”. Note-se que Natália não elenca “três motivos do corpo”, como são três as “Virtudes Teologais” ou os “Inimigos da Alma”, ela propõe “sete”, porque este número “é universalmente o símbolo duma totalidade, mas duma totalidade em movimento ou de um dinamismo total” (Chevalier & Gheerbrant, 1982, p. 603). É precisamente esta de “totalidade” ou de “dinamismo total” a natureza orgânica do corpo que a poetisa se propõe enaltecer.

Em primeiro lugar, há que ter em consideração a finitude do corpo. Enquanto matéria, ele não é perene e a sua natureza deteriora-se e esvai-se com o passar do tempo. Nesta perspectiva, o ser humano deve reconhecer esta sua limitação para ter uma existência plena e autêntica<sup>2</sup>:

I  
Não te importe, ó mortal, depois de morto  
Desaparecer na curva do caminho.  
Aqui és corpo; e injuriar o corpo  
É pisar a sombra do divino.  
Lúcida a carne, num fugaz milagre,  
É de eternos assuntos a medida:  
De ar, água, terra e fogo sumidade,  
Lugar de amor onde se ganha a vida.

Se concorrem na alma embuste e danos,  
O corpo em qualquer língua é verdadeiro.  
P’ra que ao além não fie a Parca enganos,  
Retrata-nos a morte em corpo inteiro.  
Vem das estrelas o sangue que nos guia  
E em amorosa perfeição na carne  
Está toda a eternidade resumida.  
Corpo! Sombra de deus. Simples verdade. (Correia, 1993, II, 243).<sup>3</sup>

A exortação com que tem início o poema, pelo recurso à pessoa verbal no modo conjuntivo como flexão supletiva na expressão do imperativo em forma negativa – “Não te importe” (v. 1) – e ao vocativo sintático “ó mortal” (v. 1), recorda, de certa forma, o tom

<sup>2</sup> Leia-se, a propósito, Gomes, 2020.

<sup>3</sup> Considerando a dificuldade de acesso à obra de Natália Correia, cita-se, na íntegra, os poemas que compõem os “Sete Motivos do Corpo”. Ainda que a poesia de Natália Correia tenha sido reunida, em 2023, por altura das comemorações do primeiro centenário do nascimento da autora, num único volume, segue-se a edição da obra poética publicada em dois tomos, em 1993, sob o título *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, por ter sido supervisionada pela poetisa em vida.

bíblico e/ou evangélico através do qual se expressam princípios dogmáticos e premissas doutrinárias nas Sagradas Escrituras, impondo a ordem e instituindo o cumprimento de preceitos religiosos por parte dos crentes. O que no poema de Natália se apresenta como uma espécie de normativo vem expresso nos quatro primeiros versos da composição e dita que o corpo é finito e perecível.

Esta finitude, porém, não resulta exclusivamente da natureza material do corpo, ela deve-se também ao facto de o corpo ser “sombra de deus” (v. 16), isto é, um reflexo projetado da divindade, recriação da ideia de que o Homem foi feito à imagem e à semelhança de Deus, segundo o *Génesis* (1. 26-28). Por isso é que “injuriar o corpo/É pisar a sombra do divino” (v. 3-4) e comprometer “a eternidade resumida” (v. 15) que caracteriza a “amorosa perfeição na carne” (v. 14) em que se materializa o corpo. O primeiro dos sete motivos do corpo apela, portanto, à consciencialização da transitoriedade a que o Homem – e o seu corpo – está inevitavelmente sujeito, enquanto ser material e sombra do divino. O corpo, a armadura física de que se reveste o espírito, é a constante lembrança da finitude humana.

Neste sentido, impõe-se como segundo motivo do corpo a estima ou cuidado:

II

Com a essência das flores mais coniventes  
Na formosura, prepara o banho, Lídia.  
Os anos murcham e só no corpo sentes  
Quente e fagueira a passagem da vida.

Não digas, céptica, que a carne é vã e passa  
Desfeita em sombra, o negro rio. O Orco  
Perséfone raptou vendido à graça.  
Talvez no além precisas do teu corpo.

Estima-o; e à beleza mais demora  
Darão os fados na vida passageira.  
Tépida a água, rescenda a musgo e a rosa.  
De Paros seja o mármore da banheira.

Nua e rosada imerge na carícia  
Emoliente da água perfumada,  
E as folhas lassas dos membros espreguiça  
Como uma humanizada flor aquática.

Não te esqueças porém de no amavio  
Da água verter um brando óleo de malvas  
Que te aveluda as coxas e mais brilho  
Te dá ao polimento das espáduas.

E saindo do banho como a deusa  
Sai, das macias ondas, nacarada,  
Ergue-te para o amor, estátua de seda

Toda coberta com pérolas de água.

Por fim veste a camisa mais picante;  
Com pó de ouro empoa o teu cabelo.  
E vai para a alcova onde o teu amante  
Te espera radioso e fiel como um espelho. (Correia, 1993, II, 244-245)

Dirigindo-se a um interlocutor feminino, “Lídia”<sup>4</sup>, o sujeito poético mantém um discurso exortativo de modo a instruir a sua destinatária sobre a atenção que deve prestar ao corpo, pois neste processo reside o impacto da sedução. Tal como Ovídio, que na *Ars Amatoria* ensina aos amantes como tirar o melhor proveito do corpo, porque é ele quem garante o prazer físico, também Natália Correia deixa a Lídia um conjunto de sugestões para que trate e prepare o seu corpo para o amante que na alcova a “espera radioso e fiel como um espelho” (v. 28). A esta figura feminina o sujeito lírico dita os seguintes cuidados a ter com o corpo: “prepara[-lhe] o banho” (v. 2); “Estima-o” (v. 9); “Nua e rosada imerge[-o] na carícia/Emoliente da água perfumada” (v. 13-14); “verter[-lhe] um brando óleo de malvas/Que te aveluda as coxas e mais brilho/Te dá ao polimento das espáduas” (v. 18-20); “E saindo do banho [...]Ergue-te para o amor, estátua de seda/Toda coberta com pérolas de água.//Por fim veste a camisa mais picante;/Com pó de ouro empoa o teu cabelo.” (v. 23-25).

No processo de cuidar e preparar o corpo para o contacto físico e sexual, Natália Correia recupera hábitos e práticas ancestrais. Na Grécia antiga, por exemplo, era costume, tanto a homens como a mulheres, ungir o corpo com azeite ou outros óleos durante e após o banho; esta era uma forma de preservar a pele e lustrá-la, tornando-a, assim, mais aprazível ao olhar do outro.<sup>5</sup> Também no âmbito religioso, em particular no cristianismo, o recurso a unguentos era prática comum. No Antigo Testamento há referência ao uso de óleos para ungir objetos e certas pessoas – reis, sacerdotes, profetas, entre outros – como forma de os consagrar a Deus.<sup>6</sup> Deste modo, o banho e a unção do corpo constituem uma espécie de ritual que, no caso do poema de Natália Correia, tem em vista a sedução.

---

<sup>4</sup> Recupera-se aqui uma figura amplamente conhecida da poesia clássica. De entre as mulheres às quais se dirige Horácio, poeta latino do século I a.C., em algumas das suas odes está Lídia, a interlocutora a quem o poeta apela à vivência da *aurea mediocritas* e do *carpe diem*. No âmbito da literatura portuguesa, também o heterónimo pessoano Ricardo Reis endereça a uma mulher de nome Lídia algumas das suas composições poéticas, convidando-a, à semelhança de Horácio, a viver o momento presente sem a sombra do passado e/ou a ânsia pelo futuro, que é incerto.

<sup>5</sup> Para citar um exemplo da literatura clássica, vide, na *Odisseia*, o momento quando Ulisses chega, náufrago, à ilha dos Feaces e é acolhido por Nausícaa (*Od.* 6. 211-228).

<sup>6</sup> Cf. *Livro do Êxodo* 29: 36-37; 30:25-29.

Estimando o corpo e prestando-lhe os devidos cuidados para que se instaure a sedução do amante, eis que se manifesta a volúpia, o terceiro motivo do corpo:

III

Com a paixão desconcerta o pensamento  
E ama. É física a profundidade.  
Inspira Vénus o desejo ardente  
Para nos mover à última ansiedade.

Num ser unívoco o amor enleia  
Os corpos nus. Na área da magia  
Rompe a brancura; e cresce, ao tempo alheia,  
A onda do prazer, causa da vida.

Segura do infinito a carne aberta  
Atrai o sangue que corre para a verdade  
Procurando na jóia mais secreta  
Do corpo a inicial da eternidade.

Um sol em agonia a carne gera  
E vai o espasmo ao mais fundo da alma  
Buscar o grito casto que se enterra  
Na terra fêmea e faz cair a máscara.

Langues e lívidas esfolham-se então nos corpos  
Estrelas caídas do trono da loucura.  
O sangue enrosca-se e faz sair dos poros  
Um fumo de almas que mastigam nuvens. (Correia, 1993, II, 246)

É por inspiração divina, sob os desígnios de Vénus, que os amantes sentem apoderar-se dos próprios corpos “o desejo ardente” (v. 3) que lhes proporciona “a onda do prazer, causa da vida” (v. 8). O cenário que se cria nesse terceiro poema é de nímia envolvimento; trata-se da recriação de um ato sexual em crescendo. “Os corpos nus” (v. 6) entregam-se à magia do contacto e buscam juntos o prazer, “o espasmo ao mais fundo da alma” (v. 14), através do “grito casto que se enterra/Na terra fêmea e faz cair a máscara” (v. 15-16).

A volúpia é, então, o motivo do corpo que surge associado ao intenso prazer sensorial, particularmente ao prazer físico que é desencadeado pelo ato sexual. “É física a profundidade” (v. 2) que se manifesta por meio de um jogo erótico que resulta na fruição descontrolada dos corpos nos quais se esfolham “langues e lívidas” “estrelas caídas do trono da loucura” (v. 17-18). Repare-se que Natália Correia dota o momento de contornos que vão além da mera união dos dois corpos. Limitar a satisfação dos apetites sexuais a um ato físico seria destituir do corpo a sua dimensão divinizada. Assim, fazem sentido as imagens de transcendentalidade sugeridas pelas metáforas “estrelas caídas do trono da loucura” (v. 18) e “um fumo de almas que mastigam nuvens” (v. 20), que

parecem ligar, de certa forma, a união física à dimensão celeste, envolvendo o espírito (“alma”) com os astros (“estrelas”) e outros elementos da natureza (“nuvens”). É como se o contacto dos corpos promovesse a ascensão aos céus.

O quarto motivo do corpo é o êxtase causado por um momento de transe, um estado alterado da consciência que decorre da ação de desfrutar do próprio corpo sem controlo, como sucede com a masturbação enquanto ato individual:

IV

Vede o estádio em transe: é a oferta  
À formosura em seu virtuoso sólio.  
Como um espelho corre para o sol o atleta  
Recomeçando a geração de Apolo.

Corpo garrido de seiva desabrida  
Caudaloso a crescer no âmbar rijo  
De carne indómita; músculo da vida  
Na hora juvenil do seu prodígio.

No alor do prélio, tropel de anjos pedestres  
Corre o ouro suado das efebos;  
Vai por cima do tempo e retrocede  
À púrpura sem fim de areais gregos.

Estreme, a beleza o jogo faz sagrado  
E voam discos de clarões acesos  
Por estátuas que giram. O estádio  
Fica suspenso no limiar dos deuses. (Correia, 1993, II, 247)

A situação poetizada nesta parte dos “Sete Motivos do Corpo” parece decorrer naturalmente do motivo da volúpia. Atingido o “estádio em transe” (v. 1), o mesmo é dizer o clímax do gozo sexual, vê-se o “corpo garrido de seiva desabrida/Caudaloso a crescer no âmbar rijo/De carne indómita; músculo da vida/Na hora juvenil do seu prodígio.” (v. 4-8). Tendo em conta que, neste poema, não há referência a mais do que um corpo, não estará o eu poético a aludir à masturbação masculina? Se considerarmos os sentidos implícitos metafóricos sugeridos por certos termos e expressões, como a “seiva” (v. 4), a “carne indómita” (v. 6) ou “músculo da vida” (v. 6), justifica-se a questão suscitada.

De facto, a busca da satisfação física não exige a pluralidade de corpos e, neste sentido, Natália parece legitimar e divinizar o prazer corporal individual, pois “o estádio em transe” (v. 1) que se atinge “fica suspenso no limiar dos deuses” (v. 16). A autoestimulação permite que o indivíduo descubra o seu corpo, antes de o dar a conhecer ao(s) amantes(s). Assim, “em seu virtuoso sólio” (v. 2), o Homem é capaz de

governar os seus impulsos, mesmo que para isso tenha de lutar, “no alor do prélio” (v. 9), com o próprio corpo e aquilo que este lhe desperta espontaneamente.

No quinto lugar do elenco dos motivos do corpo está a juventude que estimula provocação, seja ela voluntária ou involuntária:

V  
Mocinhas gráceis, fungíveis  
Mimosas de carne aérea  
Que pela ereção dos centauros  
Trepais como doida hera!  
Por ardentes urdiduras  
De Afrodite que abonais  
Passais como queimaduras  
E tudo em fogo deixais.

Ofegar de onda retida  
Na ocupação epidérmica  
De serdes a exactidão  
Florida da primavera,  
Todas de luz invadidas,  
Sois, porém, as irreais  
Bonecas de sol sumidas  
No fulgor com que alumbrais.

Lá do fundo dos desejos  
Chegais macias e quentes  
Com violas nos cabelos,  
Nas ancas, quartos crescentes;  
Nas pernas, esguios confeitos,  
Na frescura, o vermelhão  
De uma alvorada que rompe  
Em seios de requeijão.

Enleais, mas se enleadas,  
Ó volúveis, ó felinas!  
Saltais fazendo tinir  
Risadas de turmalinas;  
E com as asas do segredo  
Que vos faz misteriosas  
- Pois sendo divinas, sois  
Do breve povo das rosas -,  
Adejais de beijo em beijo  
Já que para gerar assombros  
Vicejam as folhas verdes  
Que vos farfalham nos ombros.

Ó doçaria que em línguas  
Acres sois torrões de mel,  
Quando idoneamente ninfas  
Vos vestis da vossa pele!  
Se a olhares venéreos furtar-vos  
Em roupas não vale a pena,  
Pois mesmo vestidas estais  
Nuinhas de graça plena,  
De esbelta nudez plantai  
Róseos calcanhares nos dias

Fugazes, não vá Vulcano  
Levar-vos para sombras frias;  
Não seque os anos corpinhos  
De aragem que os deuses sopram,  
Que os anos são os malignos  
Sinos que pela morte dobram.

Mocinhas fúteis que sois  
Da vida as espumas altas  
Leves de não vos pesar  
O peso de terdes almas;  
Que essa força de encantar,  
Ó belas! Cria, não pensa.  
Ser perdidamente corpo  
É a vossa transcendência. (Correia, 1993, II, 248-250)

Trata-se de um estímulo *a priori* visual aquele que desperta excitação, sem que para isso haja um propósito. No poema, que é relativamente mais extenso que todos os outros, é a beleza dos corpos juvenis das “mocinhas gráceis, fungíveis/Mimosas de carne aérea” (v. 1-2) a causa da provocação. “Mesmo vestidas [estão]/Nuinhas de graça plena! (v. 43-44), pois são de tal modo belas que isso lhes basta para provocar a “ereção dos centauros” (v. 3) e deixar “tudo em fogo” (v. 8).

O efeito sedutor da “esbelta nudez” (v. 45) é garantido pela graciosidade do corpo das moças, que estão “todas de luz invadidas” (v. 13). Assim, Natália destaca, com recurso a metáforas, as partes do corpo que, ainda jovens, constituem elementos involuntários do desejo: as “ancas, quartos crescentes” (v. 20), as “pernas, esguios confeitos” (v. 21), os “seios de requeijão” (v. 24). Tudo concorre para uma representação da imagem do corpo feminino numa fase de “florida primavera” (v. 12).

Contudo, a provocação que a juventude naturalmente desencadeia depende do primeiro dos “Sete Motivos do Corpo”, a finitude. Por essa razão, a poetisa não esquece que a beleza daquelas “ninfas” (v. 39) está condicionada por uma entidade maior, o tempo; daí que, enquanto “não seque os anos corpinhos/De aragem que os deuses sopram” (v. 49-50), há que “ser perdidamente corpo” (v. 59), isto é, não o privar de “olhares venéreos” (v. 41) e deixar que a provocação, “essa força de encantar” (v. 57), eleve o corpo à transcendência do humano, aproximando-o do divino.

Com efeito, enquanto possuidor de uma natureza transitória, o corpo está irremediavelmente sujeito à maturidade, condição que Natália propõe como sexto motivo do corpo, conforme nos sugere o poema seguinte:

VI  
Quando em halo de fêmea húmida e quente

São íntimas ao fogo as ancas sábias,  
Está o corpo maduro no seu tempo  
Aromático de rosas esmagadas.

São as Circes: fogueiras reclinadas  
Como panteras em nuvens de magnólias;  
Coxas versadas em abrir às lavas  
Do desejo confins de lassas glórias.

Do amor, lúcida e plena anatomia;  
Magníficas mulheres com flor e fruto;  
Corpos de vagarosa fantasia  
Que a febre afunda em estrelas de veludo.

Num esplendor de poentes envolvidas,  
Sentadas têm pálpebras de violetas;  
Mas erguem-se abrasadas; e despidas  
São um verão a sair de meias pretas.

Capelinas que lendas insinuam,  
De segredos os olhos lhes sombreiam.  
Dos ombros pendem-lhes mantos de volúpias.  
São fábulas que os moços estonteiam.

E aos seus leitos de prata e tílias altas  
Ébrios de lua sobem os mancebos.  
Elas enterraram-se nuas como espadas  
Nas suas virilhas e armam-nos cavaleiros.

Ó sazoadada carne que circunda  
De asas, abismos e suados cumes  
O mistério do ovo, dando sombra  
Ao pênis que procura o fim do mundo. (Correia, 1993, II, 251-252)

Do mesmo modo que o corpo juvenil tem atrativos particulares, também “o corpo maduro” (v. 3) possui atributos igualmente singulares. A maturidade reveste-se de traços caracterizadores que em nada desmerecem a beleza física das “magníficas mulheres com flor e fruto” (v. 10). O corpo feminino que, no poema V, se apresentava em fase de florescimento ganha novas formas: agora são “as ancas sábias” (v. 2) e as “coxas versadas em abrir às lavas/Do desejo confins de lassas glórias” (v. 7-8) as partes do corpo evidenciadas pelo sujeito poético como sendo os atrativos com que se cosem os “mantos de volúpias” (v. 19). É o corpo na estação do “verão” (v. 16) da vida a imagem em que se constrói o sexto motivo.

Efetivamente, a maturidade que caracteriza as mulheres aqui retratadas é sinónimo de experiência e sabedoria. As “mocinhas gráceis” (Poema V, v. 1) que dão viço ao motivo da provocação transformam-se em “Circes” (v. 5), porque o amadurecimento de carácter lhes permite aprimorar as técnicas de sedução: os seus “corpos de vagarosa fantasia” (v. 11) enfeitiçam os “moços” (v. 20), deixando-os estonteados pela magia das

fábulas que descrevem “capelinhas que lendas insinuem” (v. 17), e encantam os “mancebos” que “aos seus leitos de prata e tílias altas/Ébrios de lua sobem” (v. 21-22).

O “corpo maduro” tem “lúcida e plena anatomia” (v. 9), o mesmo é dizer que está formando em todo o seu “esplendor de poentes” (v. 13). Por isso, continua a despertar o desejo do(s) amante(s), “dando sombra/Ao pénis que procura o fim do mundo” (v. 27-28), pois a “sazonada carne” (v. 25) revela ser tão apetecível quanto os “corpinhos/De aragem que os deuses sopram” (Poema V, v. 49-50). Assim sendo, Natália Correia faz por mostrar que a transitoriedade não afeta a beleza do corpo. A cada tempo corresponde um conceito de belo que seduz e encanta os amantes.

Realmente, até na velhice o corpo se veste de traços próprios:

VII

Já quando pouco dista o escuro Averno  
Da vida, atarda-se ela em passos lentos.  
Se declina o mortal p’ra entrar no Eterno,  
Seguir não pode o êxito dos tempos.  
Mais sobe o espírito mais lhe pesam membros.  
Cresce o saber: são pergaminho os lábios;  
Somem-se os olhos p’ra só ver por dentro.  
Escutai-os, ó moços: são os sábios.

Curvam-se as costas para ler os fados  
Que no seio da terra Gaia dita,  
E de juízos em anos apurados  
As rugas são na pele a douda escrita.  
Gasta-se a carne nos túrbidos trabalhos  
Que a alma aumentam e envelhecidas  
Soam veladas as vozes como oráculos?  
Moços, beijai as cãs! São as Sibilas. (Correia, 1993, II, 253)

O sétimo e último motivo do corpo, a velhice ou o envelhecimento, parece encerrar um dado ciclo da vida humana, o da busca pelo prazer físico e sexual, tal como exaltada nos Poemas II a VI. O momento é o de aguardar o fim derradeiro que a morte impõe ao corpo, porque ele é matéria e, por conseguinte, perecível e finito. Na velhice, “são pergaminho os lábios” (v. 6), “somem-se os olhos p’ra só ver por dentro” (v. 7), “curvam-se as costas para ler os fados” (v. 9) e “as rugas são na pele a douda escrita” (v. 12). O retrato que se desenha do corpo envelhecido mostra como, além do prazer e da sensualidade que o corpo dos períodos da juventude e da fase adulta despertam nos amantes, há traços de ordem ética – e não física – que se desenvolvem em paralelo e são estes os que persistem na velhice: a introspeção e uma certa resignação plácida às leis do destino. A tomada de consciência de que o corpo é “a sombra do divino” (Poema I, v. 4) efetiva-se no momento em que já “pouco dista o escuro Averno/Da vida” (v. 1-2).

## Conclusão

Em linhas gerais, pode-se concluir-se que a proposta de um catecismo poético por Natália Correia em “Sete Motivos do Corpo”, poema integrado em *O Armistício*, se afigura original e traz leituras proveitosas da obra. Apesar de haver algumas referências ao elemento masculino, esta composição estruturada em sete partes reflete, na verdade, um olhar sobre a mulher, em particular sobre o seu corpo, exaltando a sua feminilidade e a sua sensualidade e explorando o erotismo das suas relações físicas. As instruções que são dadas pela poetisa são arrojadas e denotam uma liberdade criativa sem paralelo noutros textos contemporâneos de *O Armistício*. Natália não se priva, portanto, de exaltar o corpo através de imagens erotizadas, porque assim estimula nos leitores uma reflexão acerca do modo como o corpo deve ser visto e não escondido.

Sendo assim, ao reconhecer que o corpo é fonte de prazer, “lugar de amor, origem da vida”, Natália Correia conceptualiza, poeticamente, sete motivos para que o ser humano retire o proveito devido da matéria de que é feito. Consciente da sua finitude, deve procurar cuidar do corpo de maneira que, com o passar dos anos, o amadurecimento a que está naturalmente sujeito se revele tão prazeroso quanto o foi durante a adolescência ou a juventude. A graciosidade que caracteriza os corpos juvenis encontra equivalência na fase madura da vida. O envelhecimento não priva o corpo do prazer. Pode ser que já não se trate de um prazer físico, mas será, em todo o caso, um estado propício à satisfação e ao reconhecimento de que o corpo tem cumprida a sua missão na terra: “se declina o mortal p’ra entra no Eterno,/Seguir não pode o êxito dos tempos.” (Poema VII, v. 3-4).

Do mesmo modo que as doutrinas religiosas instruem os seus crentes por meio de sugestões e/ou imposições que, supostamente, lhes moldam o espírito com vista a atingir as bem-aventuranças divinas, os “Sete Motivos do Corpo” são o preceituário criado por Natália Correia para incutir nos seus leitores princípios não-dogmáticos relativamente àquilo que cada um tem de seu, desde o nascimento até à morte, isto é, o corpo. “Aqui és corpo”, afirma a poetisa no Poema I, e é na condição de “sombra de Deus” que todo o indivíduo se deve (re)conhecer. Esta é a “simples verdade”.

## Referências

AA. VV. **Bíblica Sagrada**. Fátima: Difusora Bíblica, 2004.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos Símbolos**. Lisboa: Teorema, 1982.

COIMBRA DE MATOS, Ana Catarina. O Corpo, o Amor e o Pecado à Sombra de Deus. *In: Actio Nova: Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada* 3, 2019, p. 38-67.

CORREIA, Natália. **O Sol nas Noites e o Luar nos Dias. II**. Lisboa: Círculo de leitores, 1993.

FARIA, Rui Tavares de. “Cantos de Safo para Átis”, de Natália Correia. Herança clássica e recriação poética. *In: Humanitas* 80, 2022, p. 123-144.

GOMES, José Roberto. A infinitude do corpo como abertura para o filosofar em Merleau-Ponty. *In: AUFKLÄRUNG* 7, 2020, p. 123-134.

LOURENÇO, Frederico. *Odisseia. Homero*. Lisboa: Quetzal, 2018.

MOURÃO, José Augusto. A Sombra dos Deuses, o Armistício. *In: Humanística e Teologia* 9, 1988, p. 339-359.

SILVA, Maria Araújo da. Corpos transgressivos em *A Madona*, de Natália Correia. *In: Atlante* 16, 2022, p. 1-11.

**Data de submissão:** 09/10/2024

**Data de aceite:** 02/12/2024